

LEOPOLD WEISS, ESTADISTA E JORNALISTA, ÁUSTRIA (PARTE 2 DE 2)

Classificação:

Descrição: Um correspondente do Franfurter Zeitung, um dos jornais de maior prestígio da Alemanha e Europa, se torna muçulmano e posteriormente traduz os significados do Alcorão. Parte 2.

Categoria: [Artigos](#) [Histórias de Novos Muçulmanos](#) [Personalidades](#)

Por: Ebrahim A. Bawany

Publicado em: 17 May 2010

Última modificação em: 17 May 2010

Em 1922 deixei meu país, Áustria, para viajar pela África e Ásia como Correspondente Especial para alguns dos principais jornais do continente, e passei daquele ano em diante praticamente todo o meu tempo no Oriente Islâmico. Meu interesse nas nações com as quais tinha estado em contato no início foi apenas o de um estrangeiro. Vi diante de mim uma ordem social e uma perspectiva sobre a vida fundamentalmente diferente da européia; e desde o início cresceu em mim uma simpatia pelo modo de vida mais tranquilo do que o modo de vida mecanizado na Europa. Essa simpatia gradualmente me levou à investigação das razões para essa diferença, e fiquei interessado nos ensinamentos religiosos dos muçulmanos. Na época em questão aquele interesse não era forte o bastante para me levar ao Islã, mas me abriu uma nova visão de uma sociedade humana progressista, de sentimento real de fraternidade. A realidade, entretanto, da vida atual dos muçulmanos parecia muito distante das possibilidades ideais dadas nos ensinamentos religiosos do Islã. O que quer que no Islã tivesse sido progresso e movimento, tinha se tornado entre os muçulmanos em indolência e estagnação; o que quer que tivesse sido generosidade e disposição para o auto-sacrifício, entre os muçulmanos da atualidade, tinha se pervertido em estreiteza de visão e amor por uma vida fácil.

Instigado por essa descoberta e confuso pelo óbvio em congruência entre o Ontem e o Agora, tentei abordar o problema diante de mim de um ponto de vista mais íntimo: ou seja, tentei me imaginar dentro do círculo do Islã. Era puramente um experimento intelectual; e se revelou, em curto espaço de tempo, a solução correta. Percebi que a única razão para a decadência social e cultural dos muçulmanos consistia no fato de que gradualmente pararam de seguir os ensinamentos do Islã em espírito. O Islã continuava lá; mas era um corpo sem alma. O mesmo elemento que um dia foi a força do mundo muçulmano era agora responsável por sua fraqueza: a sociedade islâmica tinha sido construída, desde o nascimento, apenas sobre fundações religiosas, e o enfraquecimento das fundações tinha necessariamente enfraquecido a estrutura cultural - e poderia possivelmente causar seu desaparecimento.

Quanto mais entendia o quão concretos e imensamente práticos eram os ensinamentos do Islã, mais ansioso ficavam meus questionamentos sobre por que os muçulmanos tinham abandonado sua aplicação plena à vida real. Discuti esse problema com muitos muçulmanos inteligentes em quase todos os países entre o deserto líbio e a cordilheira Pamir, entre o Bósforo e o Mar Árabe. Tornou-se quase uma obsessão que por fim sobrepujou todos os meus outros interesses intelectuais no mundo do Islã. O questionamento rapidamente aumentou em ênfase - até que eu, um não-muçulmano, falava com os muçulmanos como se defendesse o Islã de sua negligência e indolência. O progresso era imperceptível para mim até que um dia - foi no outono de 1925, nas montanhas do Afeganistão - um jovem governador de província disse para mim: "Mas você é um muçulmano, só você não sabe." Fiquei chocado com essas palavras e permaneci em silêncio. Mas quando voltei para a Europa mais uma vez, em 1926, vi que a única consequência lógica de minha atitude era abraçar o Islã.

Isso é tudo sobre as circunstâncias de ter me tornado muçulmano. Desde então me perguntam, de novo e de novo: "Por que você abraçou o Islã? O que o atraiu em particular?" -- E devo confessar: Não foi nenhum ensinamento em particular que me atraiu, mas toda a estrutura maravilhosa, inexplicavelmente coerente de programa de ensinamento moral e vida prática. Não posso dizer, mesmo agora, que aspecto me atrai mais. O Islã me parece um trabalho perfeito de arquitetura. Todas suas partes são harmoniosamente concebidas para complementar e apoiar a outra: nada é supérfluo e nada falta, com o resultado de um equilíbrio absoluto e composição sólida. Provavelmente esse sentimento de que tudo nos ensinamentos e postulados do Islã está em "seu lugar certo," criou a impressão mais forte em mim. Podem ter havido, junto com essa, outras impressões que hoje são difíceis para eu analisar. Afinal de contas, foi uma questão de amor; e amor é composto de muitas coisas; de nossos desejos e nossa solidão, de nossos objetivos elevados e nossas falhas, de nossa força e nossa fraqueza. Foi assim no meu caso. O Islã chegou a mim como um ladrão que entra em sua casa à noite; mas, ao contrário de um ladrão, entrou e permaneceu para sempre.

Desde então tenho me empenhado em aprender tanto quanto posso sobre o Islã. Estudei o Alcorão e as Tradições do Profeta (que a misericórdia e bênçãos de Deus estejam sobre ele); estudei a linguagem do Islã e sua história, e muito do que tem sido escrito a favor e contra ele. Passei mais de cinco anos no Hijaz e Najd, principalmente em Medina, para poder experimentar um pouco do ambiente original no qual essa religião foi pregada pelo profeta árabe. Como o Hijaz é o ponto de reunião de muçulmanos de muitos países, fui capaz de comparar a maioria das diferentes opiniões religiosas e sociais predominantes no mundo muçulmano em nossos dias. Esses estudos e comparações criaram em mim a convicção firme de que o Islã, como um fenômeno espiritual e social continua sendo, apesar de todos os retrocessos causados pelas deficiências dos muçulmanos, a maior força propulsora que a humanidade jamais experimentou; e todo meu interesse se centrou, desde então, no problema de sua regeneração.

O endereço web deste artigo:

<https://www.islamreligion.com/pt/articles/159/leopold-weiss-estadista-e-jornalista-austria-parte-2-de-2>

Copyright © 2006-2015 Todos os direitos reservados. © 2006 - 2023 IslamReligion.com. Todos os direitos reservados.